Superexploração, generificação e racialização do trabalho: as mulheres negras como locus da formação social brasileira

Maria Luísa dos Santos Damasceno - Aluna do curso de Ciências Econômicas da UFES

INTRODUÇÃO: Ruy Mauro Marini (2000) entrega em sua obra "Dialética da Dependência" o conceito de "superexploração do trabalho" como um dos mecanismos que estruturam a especificidade do capitalismo dependente na América Latina. No entanto, o grau de abstração de sua obra, substancialmente ancorada em um capitalismo maduro não permitiu que explorasse as especificidades de um país que possui, em sua história, uma outra questão estrutural: a escravidão. Por sua vez, Lélia Gonzalez (2020) escancara em sua obra como o histórico de colonização e escravidão se configuram na formação social brasileira e se expressam, principalmente, no corpo da mulher negra. Este trabalho não pretende suprir uma lacuna em Marini. O que se propõe é outro movimento: tomar a superexploração como categoria, colocá-la em diálogo com Lélia Gonzalez e, através dessa articulação, construir uma lente de análise que dê conta da concretude histórica, racial e generificada, da formação social brasileira.

DESENVOLVIMENTO: Compreender a superexploração da força de trabalho no Brasil exige retornar ao momento de abolição formal da escravidão e de transição ao trabalho assalariado no Brasil, em que a generificação e racialização estruturam a inserção social e laboral diferenciada de uma grande parte da classe trabalhadora. É nesse ponto que a categoria de superexploração pode ser densificada histórica e teoricamente, identificando determinadas frações da classe trabalhadora que passam a ocupar posições estruturais marcadas pela intensificação do trabalho, pela precarização permanente e pela reprodução ampliada da desigualdade racial e de gênero. A contribuição de Gonzalez permite deslocar essa discussão para a materialidade histórica da formação social brasileira. Ao afirmar que o Brasil se organiza com base em uma divisão racial do trabalho, Gonzalez evidencia que a posição da mulher negra não é residual, mas estrutural. Desde o período escravista, sua inserção esteve vinculada às atividades de cuidado, serviço doméstico e manutenção cotidiana da vida, funções que, mesmo após a abolição, permanecem como marca persistente da racialização e generificação. Trata-se de um trabalho historicamente desvalorizado, frequentemente mal remunerado ou invisibilizado, mas fundamental para a reprodução da força de trabalho daqueles que participam diretamente do núcleo produtivo. Em outras palavras, é possível encontrar em Lélia Gonzalez uma mediação histórica e teórica necessária para concretizar a superexploração da força de trabalho de Ruy Mauro Marini.

CONCLUSÃO: A superexploração do trabalho no Brasil não é um fenômeno que se instaura sobre uma "folha em branco", ela se fusiona às relações resultantes de uma estrutura herdada da escravidão, que encontra no corpo das mulheres negras uma das formas de expressão mais desumanizadas enquanto força de trabalho no capitalismo dependente. Um projeto que vise a superação da dependência brasileira sem centralizar a luta contra a racialização e a subordinação de gênero como parte da luta de classes, é fadado ao fracasso teórico e prático.

REFERÊNCIAS: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**.Rio de Janeiro: Zahar. 2020

MARINI, Ruy Mauro; SADER, Emir. **Dialetica da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. RJ**: Vozes, Buenos Aires: CLACSO, 2000